

O USO DE *BLOGS* COMO ESTRATÉGIA DE INTERAÇÃO PROFESSOR/ALUNO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Jaqueline Maria de Almeida

Mestranda em Cognição e Linguagem

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

jaquelinemalmeida@yahoo.com.br

Karine Lôbo Castelano

Mestranda em Cognição e Linguagem

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

kcastelano@yahoo.com.br

Resumo

Neste estudo, analisamos quatro *blogs* educativos com o objetivo de refletir a respeito da interação professor-aluno dentro desses ambientes virtuais e de que maneira essa relação pode beneficiar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Verificamos que, apesar das inúmeras possibilidades proporcionadas pelo uso dos *blogs* como recurso didático, tais como: construção e leitura de textos diversos; aquisição de conhecimento das diferenças entre os gêneros textuais e seus objetivos comunicativos; valorização da variedade linguística dos alunos como seres individuais; e melhoria na interação professor-aluno e, principalmente, do processo ensino-aprendizagem, em todos os *blogs* analisados, o uso deste recurso não tem sido tão produtivo.

Palavras-chave: blog; recurso didático; processo ensino-aprendizagem.

Abstract

In this study, we analyzed four educational blogs in order to reflect on the teacher-student interaction within these virtual environments and how this relationship can benefit the development of teaching-learning process. We found that despite the numerous possibilities offered by the use of blogs as a teaching resource, such as construction and reading of various texts, acquiring knowledge of the textual differences between genders and their communicative purposes, appreciation of linguistic variety of students as individuals; and improvement in teacher-student interaction, and especially the teaching-learning process in all blogs analyzed, the use of this feature has not been as productive.

Keywords: blog; teaching resource, teaching-learning process.

Introdução

O uso das novas tecnologias na escola tem sido um tema recorrente em discussões na mídia e nas instituições de ensino. Isso porque existe um grande impasse em relação à sua influência na educação: a variedade tecnológica traz benefícios ou é prejudicial? Muitas pessoas têm resistência ao novo, pois isso significa sair de sua zona de conforto, o que desestabilizaria uma condição já cristalizada e favorável para determinado grupo. No entanto, o novo aguça o interesse pelas possibilidades de transformação que ele traz consigo, e essas novas possibilidades desconhecidas são de grande interesse para a outra parcela da sociedade.

A rápida e ascendente evolução da tecnologia trouxe consigo grande impacto em vários setores da sociedade, mas essa será uma breve reflexão de seu impacto sobre a Educação. Tal avanço se deu de tal forma que, hoje em dia, existe uma geração que já não “vive” sem internet. Essa dependência deu origem a novas formas de aprendizado, disseminação do conhecimento e, principalmente, despertou nos educadores a necessidade de uma revisão na metodologia de ensino, bem como nas relações entre professor e aluno.

Sabemos que a revolução trazida pela rede mundial possibilita que a informação gerada em qualquer lugar esteja disponível quase instantaneamente na rede. Além disso, a globalização do conhecimento e a simultaneidade da informação são ganhos inestimáveis para a humanidade. Em função do livre acesso à informação – que apesar de livre, não é para todos – se fez necessária uma revisão das práticas educacionais na

leitura, na forma de escrever, na metodologia de pesquisa e nos métodos de avaliação; pois a nova geração de alunos, principalmente dos ensinos fundamental e médio, correspondem aos indivíduos que nasceram em meio à tecnologia, ou seja, aos nativos digitais.

Diante dessa nova realidade, os professores precisam se atualizar para acompanhar essa geração que está exposta e é influenciada pela tecnologia. A todo momento, eles são bombardeados de informação por meio de celulares, câmeras multifuncionais, *iPads*, *iPods*, *Tablets* e toda a facilitação de inserção social e informativa que essas tecnologias proporcionam. O *blog* é um exemplo de tecnologia da informação utilizada na escola como recurso pedagógico, pois sua estrutura é bastante simples de se criar e manter, ou seja, pode ser criado pelos próprios alunos.

Tendo em vista as considerações apresentadas, optamos por analisar quatro *blogs* educativos, com o objetivo de refletir a respeito da interação professor-aluno dentro desses ambientes virtuais e de que maneira essa relação pode beneficiar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

1 A educação frente às novas tecnologias

O papel do professor na era das tecnologias deixou de ser o de *portador* para ser o de *mediador* do conhecimento. O professor passou a ter a função de ensinar ao aluno as estratégias de controle, de refinamento, de verificação da legitimidade da informação. No entanto, como o acesso à informação é bem mais rápida e fácil, muitas vezes os professores, e também os pais, têm deixado de ser a fonte de referência. Por sua vez, esses alunos e filhos têm visto seus pares como essa fonte. De acordo com Mead (1980 *apud* SOARES, 2000), existe

(...) uma distinção entre três tipos diferentes de cultura: pós-figurativa em que os jovens aprendem primordialmente através dos adultos; a cofigurativa, que tem como modelo norteador a conduta dos contemporâneos, onde tanto jovens como adultos aprendem na conjuntura das relações sociais em que estão envolvidos; e a pré-figurativa em que os adultos também aprendem com os jovens, onde os pares substituem os pais, promovendo uma ruptura de gerações sem precedentes. A autora observa que as sociedades primitivas e os redutos ideológicos e religiosos são principalmente pós-figurativos e extraem a autoridade do passado. Já as grandes civilizações, que necessariamente desenvolveram técnicas para a incorporação das mudanças, recorreram tipicamente à forma de aprendizagem cofigurativa a partir dos pares, dos grupos com poder de influência (MEAD, 1980 *apud* SOARES, 2000, p. 23).

As pesadas e empoeiradas enciclopédias impressas – como a *Barsa*, por exemplo – foram substituídas pelas enciclopédias digitais e pela consulta a portais acadêmicos virtuais, uma influência diretamente ligada à necessidade de agilidade da vida moderna. Não só a internet, mas todas as novas tecnologias estão sendo inseridas nas salas de aula. O quadro de giz tem cedido lugar aos sistemas eletrônicos e a apresentações de *Power point* para tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas. Os vídeos do *Youtube* têm servido para ilustrar e exemplificar os conteúdos ensinados, os *blogs* são usados para socializar com a comunidade escolar o trabalho realizado em sala de aula, entre outras atividades. Esses são apenas alguns exemplos dos recursos digitais possíveis de se usar em sala de aula.

No entanto, devemos nos lembrar que a sala de aula é um espaço de aprendizagem, e não de lazer para o alunos. Tornar a aula mais dinâmica e atrativa é um dever do professor, mas isso não implica que ele deva se corromper, tornando-se um *show-teacher* apenas para prender a atenção dos alunos. É necessário que o professor consiga transformar esses alunos da era virtual em consumidores críticos e produtores interessantes.

Mas essa variedade de novidades também suscita dúvidas. Existe, por exemplo, uma grande discussão na questão do letramento de adolescentes, pois muitos jovens se sentem enfadados ao ter que ler um livro ou fazer uma resenha como tarefa escolar, ficando por várias horas em redes sociais, salas de bate-papo e *blogs*. O cerne da discussão é que, aparentemente, esses jovens estão se tornando mais deficientes na prática da escrita e leitura, apesar de dispensarem grande tempo nessas atividades. O grande problema pontuado é que, por se tratar de uma atividade sem caráter acadêmico, ou seja, apenas em conversas informais, o uso excessivo de símbolos e palavras abreviadas está afetando o desempenho escolar dos alunos, pois eles praticamente criam um dialeto próprio. Outro problema é a imaturidade no discernimento de fontes de informação e a análise de sua veracidade para pesquisas – o “*control C, control V*” tem sido uma prática constante em trabalhos escolares.

Contudo, é necessário ressaltar que a linguagem multimidiática permite modos de pensamento, formas de se comunicar, de produzir pesquisa, métodos de publicação e ensino, essencialmente, relacionados ao texto. Diante dessa perspectiva, pode-se considerar que daqui a poucos anos serão realmente letrados no século XXI aqueles alunos que aprenderem a ler e escrever a linguagem multimidiática da tela, seja ela física ou virtual (DALEY, 2012). Logo, os educadores precisam usar as várias mídias

como forma de externalização da memória individual e coletiva centrada nos bancos de dados digitais, como celulares, *blogs*, entre outros.

Apesar da globalização do conhecimento e da simultaneidade da informação, pode-se dizer que, em muitos casos, os alunos têm encarado a realidade virtual como uma forma de vida privada que não deve ter interferência da escola. Assim, o professor fica com a difícil tarefa de trazer esse aluno para perto de si, e, muitas vezes, tenta se aproximar para conseguir orientá-lo. Essa é uma atividade bastante árdua. Na tentativa de estreitar a relação professor-aluno, muitas escolas têm incentivado a criação de *blogs*. Porém, os *blogs* criados pelos professores são encarados como atividades escolares e, por isso, desinteressantes. Já os *blogs* pessoais, livres de qualquer coerção de um professor ou uma autoridade, são um meio de expressão e comunicação de grande interesse.

Apesar dessa tentativa da escola, muitos professores têm ignorado o fato das novas mídias mudarem os modos de usar a linguagem. Entretanto, o ensino da língua deve ter objetivos que ultrapassem a habilidade de ler ou escrever, deve-se aprender uma língua para usá-la no cotidiano. Assim, o letramento deve ser encarado como aprendizagem dos padrões linguísticos e das habilidades de escrita e não apenas como produto final do ensino. O aluno considerado inteligente já não é mais aquele que detém muita informação, mas sim aquele que melhor a interpreta. De acordo com Signorini (2007),

(...) o letramento escolar é um processo complexo e dinâmico de ensino-aprendizagem, constituído de interações de diferentes tipos entre sujeitos, linguagens e discursos; interações essas mediadas por redes estruturadas e estruturantes de objetos culturais e tecnologias, ou seja, por objetos e tecnologias que tanto direcionam e organizam o andamento do processo, quanto são redirecionadas por ele (SIGNORINI, 2007, p. 324).

Logo, pode-se perceber que, apesar de toda sua contribuição, a internet não é a solução para todos os males do sistema educacional; contudo, não é também a principal causa da defasagem na educação. Assim como as apostilas e os livros didáticos, a internet e todas as outras formas de tecnologias disponíveis para os alunos devem ser encaradas como ferramenta de apoio para o ensino. Por isso, as opções tecnológicas não devem ser consideradas como substitutas de outras práticas de ensino, mas sim como suporte pedagógico. O uso dos recursos da internet de maneira a favorecer a aprendizagem depende de intermediações inteligentes e articuladas que forneçam um

ambiente de aprendizagem, esse é o papel do professor: orientar os alunos a como fazer consultas e pesquisas, aproveitando os benefícios da agilidade de informação.

Alguns dos benefícios proporcionados pela internet que deveriam ser mais bem aproveitados são, por exemplo, a capacitação do corpo docente por meio de cursos à distância. A busca de informação e o trabalho de pesquisa orientado, assim como a leitura interativa, está presente no ambiente de sala de aula, em nossos laboratórios e, mais do que isso, na busca de uma nova forma de perceber e fazer a educação de maneira mais produtiva para os nativos digitais. De acordo com Koch (2007), a leitura é

(...) uma atividade interativa altamente complexa de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH, 2007, p. 11).

Ao se pensar em educação na “era das novas tecnologias” é necessário ressaltar que, para isso, o professor deve-se valer de recursos versáteis e relativamente simples, uma vez que os nativos digitais estão cotidianamente cercados de informações de todos os tipos, principalmente as visuais. A internet é um veículo de comunicação de massa utilizado, quase sempre, para vender um produto e, ao fazer isso, desperta, impõe ao interlocutor uma imagem e uma ideia na intenção de levá-lo a adquirir determinado produto, mas também é um excelente suporte informativo. E é justamente por exercer tanta influência na rotina dos estudantes que seus recursos precisam ser melhor aproveitados.

2 A linguagem e o caráter comunicativo do gênero *blog*

Os meios de comunicação estão a cada dia mais avançados. Diante dessa realidade, faz-se necessária uma reestruturação da linguagem e dos veículos utilizados para troca de mensagens entre interlocutores de uma mesma comunidade, principalmente no que se refere ao ambiente escolar. Isso significa que as técnicas textuais e discursivas não são de uso exclusivo do texto voltado para literatura. Ou seja, tanto as estratégias comunicativas textuais como as discursivas são indispensáveis em todos os meios de comunicação, inclusive na comunicação cotidiana, em que o indivíduo é impelido a exercer uma ação, seja ela política, profissional, escolar ou doméstica.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que, a partir do momento em que a linguagem influencia diretamente o conteúdo ou o propósito comunicativo do texto, tem início a reflexão sobre a questão do gênero textual. Koch (2002, p. 54), tomando como base os estudos de Mikhail Bakhtin, afirma que “(...) todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de um todo”. Essas formas-padrão são os gêneros, ou seja, “(...) tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 279), relacionados diretamente às diferentes esferas sociais. De acordo com Koch (2002), a escolha do gênero não deve ocorrer de maneira aleatória:

A escolha do gênero é, pois, uma decisão estratégica, que envolve uma confrontação entre os valores atribuídos pelo agente produtor aos parâmetros da situação (mundo físico e sociossubjetivo) e os usos atribuídos aos gêneros do intertexto. A escolha do gênero deverá (...) levar em conta os objetivos visados, o lugar social e os papéis dos participantes. Além disso, o agente deverá adaptar o modelo do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para a constante transformação dos modelos (KOCH, 2002, p. 55).

A importância de se trabalhar a leitura e a escrita sob uma abordagem pautada no ensino dos gêneros textuais está diretamente ligada à necessidade que o indivíduo tem de compreender as mensagens veiculadas pelos diferentes gêneros textuais, responsáveis pela circulação e socialização de informações para que as mensagens veiculadas sejam compreendidas pelo público.

Logo, pode-se afirmar que os textos são produzidos com um propósito comunicativo e serão veiculados por um determinado gênero que dará ênfase ao seu conteúdo. Como já foi dito, o *blog* tem sido um recurso que as escolas têm optado por trabalhar com os alunos. Trata-se de uma página da internet usada com características de diário, que pode ser comentada por pessoas em geral ou grupos específicos. Sua estrutura é bastante simples de se criar e manter, ou seja, pode ser criado pelos próprios alunos.

Em comparação com um *site* comum, o *blog* oferece uma maior variedade de interação, pois permite atualização rápida de conteúdos a partir da inserção dos chamados *posts*, que são textos ou informações que podem ser comentadas por seus usuários. Normalmente os comentários ficam centrados nos tópicos sugeridos por quem gerencia a página e, nele, é visualmente mais fácil ir incluindo novos temas de discussão com frequência para serem comentados. Geralmente os *blogs* têm políticas de acesso e publicação, por exemplo, podem ser escritos por uma ou um número variável de

pessoas, podem ser organizados de forma cronológica inversa, dependendo de sua temática entre outras opções e para participar o usuário deve respeitar as regras determinadas pelo gerenciador.

Os textos produzidos a partir do movimento interativo da comunicação, como é o caso dos *blogs*, possuem características próprias, mas que podem variar conforme as suas condições de produção, recepção e circulação. A linguagem, o conteúdo e a imagem projetada dependem do perfil de seus usuários, assim, a produção de sentidos ocorre de acordo com a produção e reprodução de textos, mantendo a língua em funcionamento. Quase sempre os textos produzidos nos *blogs* são curtos, claros, diretos e bem articulados, podendo ou não utilizar outros recursos que não sejam verbais. Em alguns casos, pode-se perceber o uso de argumentos ou imagens que transmitam legitimidade ao assunto.

De acordo com Koch (2007), algumas das características relevantes na criação do texto são: os *padrões materiais relativos ao texto* (tamanho; clareza, cor e fonte das letras; comprimento das linhas; variedade tipográfica; abreviações e uso de maiúsculas e minúsculas), e os *fatores linguísticos* (o léxico, a sintaxe, a pontuação, a imagem), todas essas características influenciam na construção dos textos dos *blogs*. Outros elementos que também colaboram na construção e manutenção dos *blogs* são a *intenção*, o *contexto* e o *local*, onde ocorre a interação com o interlocutor.

Em outras palavras, a linguagem apresenta um caráter interativo e se realiza mediante práticas discursivas repletas de singularidades, de acordo com o contexto em que ela ocorre. Ao se pensar na relação entre linguagem, interação e prática escolar, podemos perceber que, para a construção do *blog*, é necessário que este esteja em conformidade com o perfil de seus usuários/alunos; caso contrário, sua essência interativa se perde e ele pode acabar se tornando uma fonte de informação institucional.

Ao chegar à escola, a criança traz consigo uma bagagem de conhecimentos e experiências adquiridos por meio de sua socialização com a família, com vizinhos e amigos, enfim com o grupo social ao qual ela pertence. Essas interações influenciam o desenvolvimento da linguagem do sujeito. Todas as práticas sociais de comunicação, sejam elas formais ou informais, acabam por se tornar um modelo ou referência no qual o indivíduo em formação vai se basear para produzir, desenvolver e ampliar os sentidos de sua comunicação.

3 O uso do blog como recurso didático

Muitas vezes os professores, principalmente os de língua portuguesa, buscam novas maneiras de estimular os alunos a ler e escrever. Nessa perspectiva, o uso dos *blogs* surgiu com a intenção de criar uma nova opção para se trabalhar Língua Portuguesa de maneira interativa. O principal objetivo no uso do *blog* é trabalhar a diversidade textual sem limitar-se ao ambiente da sala de aula. Essa seria uma maneira de motivar os alunos a escrever, uma vez que se trata de um gênero bastante utilizado entre adolescentes, que muitas vezes se sentem seduzidos pela exposição. Eles gostam de interagir em um ambiente de acesso irrestrito e global e, portanto, visualizado por um número muito maior e mais diversificado de leitores.

Mas quais as vantagens reais de se trabalhar com o *blog* em sala de aula? Uma das respostas mais frequentes é que essa é uma maneira divertida de se ensinar. O *blog* permite a liberdade na escrita: pensou, escreveu. A partir do que foi escrito e da popularidade do *blog*, surgirá uma infinidade de comentários. Pode-se considerar, então, que seu uso é uma boa maneira de estimular os alunos a ler e escrever. Portanto, conforme esclarece Soares (2010),

(...) a escrita engloba desde a habilidade de transcrever a fala, via ditado, até habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui a habilidade (...) de selecionar informações sobre um determinado assunto e caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-la, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito, estabelecer relações entre elas, expressá-las adequadamente (SOARES, 2010, p. 70).

Mas, ao mesmo tempo, se o gerenciador do *blog* é um aluno, passa a ocorrer, como propõe Mead (1980 *apud* SOARES, 2000), a busca de informações dos alunos e filhos em seus pares como fonte de referência. Isso pode ser um problema devido à falta de maturidade dos alunos. Contudo, se os professores interagissem de maneira descontraída com a turma – o que é um hábito extremamente saudável para a formação dos estudantes –, acreditamos que poderia haver estímulo mútuo de se escrever e ter seu texto lido e comentado, criando um excelente canal de comunicação com os alunos. Entretanto, como veremos na análise deste estudo, não é esse o caso dos *blogs* com caráter institucional.

No *blog*, a escrita e a reescrita ocorre pela associação de fragmentos de textos e ideias. A construção de um novo texto se dá por meio da intertextualidade de vários textos que surgem pelo “clique de botão”. A leitura e a escrita, transformadas pelo espaço da estrutura hipertextual, criam um novo perfil leitor/autor/escritor. Nas palavras de Lévy (1999),

A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LÉVY, 1999, p. 15).

Para que essa interação de fato ocorra é necessário que o professor participe ativamente dos *blogs*, tornando-se um ser mais próximo dos alunos, principalmente no uso da linguagem, e discutir assuntos fora do âmbito acadêmico. Como os *blogs* costumam ter uma linguagem bem cotidiana, bem simples de escrever e de ler, não há necessidade de textos longos, e sim de imagens, criando para os professores a oportunidade de explorar a linguagem não verbal, tão atraente para qualquer leitor. Essa é uma das maneiras de se evitar a dicotomia entre linguagem oral e linguagem escrita, tão presente na escola, em que o domínio da escrita é considerado muito mais importante do que o da tecnologia.

Por ser um ambiente onde se pode opinar e expor seus pensamentos a respeito de um determinado assunto, o *blog* é um gênero que possibilita trabalhar uma variedade textual e o desenvolvimento do pensamento reflexivo e autônomo dos alunos, exatamente o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa buscam:

(...) aprofundamento dos conhecimentos como meta para o continuar aprendendo; o aprimoramento do aluno como pessoa humana; e a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico com flexibilidade, em um mundo novo que se apresenta, no qual o caráter da Língua Portuguesa deve ser basicamente comunicativo (BRASIL, 1998, p. 17).

De acordo com Moran (2004, p. 46) pode-se afirmar que “(...) são múltiplas as possibilidades de utilizar as novas tecnologias a favor da educação”. Ao participar ativamente do *blog*, os professores têm a possibilidade de ver a opinião dos alunos a respeito de assuntos diversos e até mesmo como os alunos o veem fora da sala de aula. Através das respostas e comentários dos alunos, o professor, tem a oportunidade de

refletir sobre as suas colocações; ação que provavelmente acarretará em seu crescimento pessoal e profissional.

Os assuntos discutidos nos *blogs* têm que ser do interesse de todos, alunos e professores, caso contrário, a interação não ocorrerá e o *blog* estará fadado ao insucesso, pois se tornará um instrumento institucional, de postagens de conteúdo unicamente escolar e linguagem formal. Ao estar conectado às novas tecnológicas e a uma nova maneira de se comunicar com os alunos, o educador está em constante aprimoramento profissional e atualização de conhecimentos. Logo, torna-se mais conectado com os acontecimentos no mundo.

Tendo isso em vista, é preciso entender as tecnologias como meios de estimular e gerar culturas e de interação social. Segundo Lévy (1999),

Não se trata de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 1999, p. 163).

O autor supracitado enfatiza que será necessário, também, buscar alternativas que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores desses profissionais.

Por isso, ressalta-se, aqui, a necessidade de reflexão e implantação de metodologias pedagógicas em função das possibilidades abertas pelas novas tecnologias da informação e comunicação em relação ao processo de interação entre os sujeitos e em função da flexibilidade relacionada ao tempo/espaço destinado à aprendizagem (SOUZA, 2003).

Considerando o âmbito educacional e levando em conta as orientações dos PCNs, trabalhar com os gêneros na escola, sejam eles orais ou escritos, é incentivar a construção do conhecimento e viabilizar a oportunidade de aprendizagem. Podemos dizer que o uso dos *blogs* nas escolas é uma forma de aprimoramento do ensino, principalmente porque seu uso possibilita valorizar a linguagem e o conhecimento que o aluno traz consigo quando entra na escola. Ou seja, essa é uma maneira de estimular a comunicação dos alunos, valorizando sua linguagem de acordo com sua realidade cotidiana, de forma que as práticas textuais façam sentido para eles.

Dessa forma, os alunos praticam leitura e escrita, passando a dominar a construção dos textos, o que é essencial para que possam se impor e se expressar,

principalmente porque cada gênero, ao ser veiculado em outro lugar fora daquele ambiente em que normalmente circula, pode sofrer transformações, passando de gênero de comunicação a gênero de aprendizagem. Assim, ao trabalhar com os gêneros na escola, deve-se ter o cuidado de fazer com que o aluno perceba que pode utilizá-los no seu meio social e que ele faz parte, ou pode fazer parte, das suas atividades sociais.

Incentivar o uso dos *blogs* pode ser considerado uma forma de se produzir atividades de produção textual fora do ambiente convencional de sala de aula. O perfil dos alunos mudou; logo, a escola precisa acompanhar essa mudança, mas de maneira didática, ou seja, capacitando os professores no domínio de novas tecnologias e atualizando seu sistema de ensino. O uso do *blog* como instrumento de ensino-aprendizagem, além de despertar o interesse do aluno, pode ajudá-lo a usar de forma mais cuidadosa e seletiva as inúmeras ferramentas e informações disponibilizadas na internet.

Apesar dessas considerações a respeito das vantagens do uso do *blog* como recurso didático, fazendo uma varredura em *blogs* de escolas públicas e particulares de diferentes estados brasileiros, vimos que eles não estão conseguindo criar um canal de comunicação com os alunos, como será explicado nas análises.

4 Procedimentos metodológicos

Para este estudo foram selecionados quatro *blogs*, sendo dois de escolas públicas e dois de escolas particulares dos Estados de Santa Catarina, Pará, Espírito Santo e São Paulo, escolhidos aleatoriamente por meio de pesquisa no sistema de busca *Google*. A comparação entre *blogs* de escolas públicas e particulares teve o intuito de verificar se o contexto socioeconômico dos alunos e sua possível dificuldade de acesso às redes sociais interferem em sua inserção às novas tecnologias e participação nos *blogs*.

É importante ressaltar que a análise, de cunho qualitativo, foi baseada na busca da interação professor-aluno dentro desses ambientes virtuais e, se esta existir, de que maneira essa relação pode beneficiar o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem por meio do uso de *blogs* nas escolas. Alguns dos objetivos dos *blogs* educativos são:

- Ensinar os alunos e professores a utilizar ao máximo os recursos de tecnologia disponíveis no mercado, de forma a ter ganho de aprendizagem em ambas as partes;

- Compreender no mundo virtual os procedimentos e conhecimentos tecnológicos, bem como a sua utilização e serviços disponíveis;
- Desenvolver a capacidade de realizar uma série de ações ordenadas adotando um compromisso coletivo, interativo e colaborativo; e
- Desenvolver confiança em si próprio e em sua capacidade de pensar, investigar, organizar e colaborar nas relações e interações da comunidade escolar por meio do seu aprendizado.

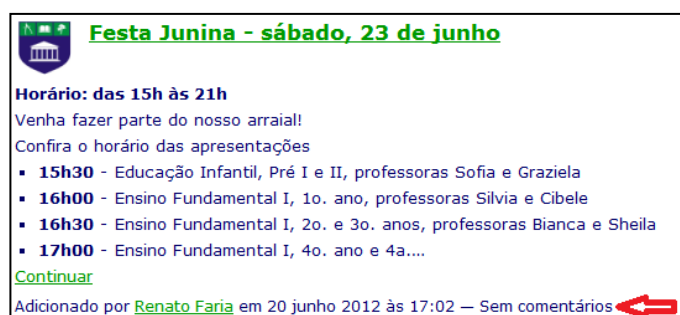
Apesar dos *blogs* educativos terem o intuito de ampliar as possibilidades de comunicação e interação professor-aluno, muitas vezes eles são mal utilizados, não despertando o interesse dos discentes, como veremos a seguir.

5 Análise dos blogs educativos

De maneira geral, os *blogs* educativos apresentam as seguintes características: endereço das escolas; objetivo do uso dos *blogs*, descrição das atividades desempenhadas na escola; espaço de datas comemorativas e de aniversários do mês; informações consideradas importantes, como atividades acadêmicas, vestibular, ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), provas avaliativas do governo; *sites* vocacionais; calendários; e atividades escolares. Podemos dizer que eles possuem caráter institucional, não havendo muita interação entre alunos e professores.

As informações disponibilizadas nos *blogs* são quase exclusivamente de caráter informacional e didático. Não há fóruns de discussões com temáticas livres e a maior parte de seu conteúdo está relacionada às atividades da escola (Figura 1). Além disso, são postadas muitas fotos dessas atividades e dos alunos, mas os comentários são, na maior parte das vezes, da equipe responsável pela manutenção do *blog* e dos professores. Ou seja, aparentemente não há interesse dos alunos em atuarem e se comunicar por meio desse ambiente virtual.

Figura 1 – Conteúdo relacionado às atividades da escola e sem comentários



Fonte: Blog do Colégio Estrutural. Disponível em:
<<http://colegioestrutural.com/profiles/blog/list>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

A principal diferença encontrada nos *blogs* foi em relação às cores e à participação dos professores. Os *blogs* de escolas públicas (ver <http://caicmariano.blogspot.com.br/> e <http://agostinhomonteiro.blogspot.com.br/>) são mais simples, com cores opacas e poucas imagens decorativas. Já nos *blogs* de escolas particulares (ver <http://escolaavilajunior.blogspot.com.br/> e <http://colegioestrutural.com/profiles/blog/list>) as cores do *layout* são mais vibrantes, com muitas imagens decorativas, além da presença de *hiperlinks* para *sites* de interesse dos alunos, como o *Facebook*, *Youtube*, entre outros (Figura 2).

Figura 2 – Conteúdo relacionado às atividades da escola e sem comentários



Fonte: Blog da Escola Professor Francisco Ávila Júnior. Disponível em:
<<http://escolaavilajunior.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

Nas duas páginas das escolas públicas existem *hiperlinks* para *blogs* dos professores (Figura 3). Apenas em um deles todos os professores possuem *blogs*, mas alguns estão desabilitados, outros desatualizados e alguns poucos professores postam conteúdos. Ainda assim, os conteúdos são apenas de caráter acadêmico e não há interação com os alunos, ou seja, os alunos não postam nenhum comentário. Esse fato nos faz pensar que, se os professores interagissem de maneira descontraída com a turma, poderia haver estímulo mútuo de se escrever e ter seu texto lido e comentado, criando um excelente canal de comunicação com os alunos, como propõem Lévy (1999), Koch (2002) e Signorini (2007). Os professores das escolas particulares não possuem *blogs* autônomos, pois preferem participar diretamente no *blog* da escola.

Figura 3 – Blog Geografia dentro e fora da escola



Fonte: Blog do professor Gustavo – Geografia dentro e fora da escola. Disponível em: <http://www.gustavokasten.com/news/site-de-geografia/>. Acesso em: 29 jun. 2011.

A escola particular de São Paulo (<http://colegioestrutural.com/profiles/blog/list>) possui um diferencial, pois criou um tipo de rede social dentro do *blog*, e isso aparentemente incentivou, despertou o interesse de uma pequena porcentagem dos alunos. Neste, há postagens dos alunos; ainda que referente ao conteúdo escolar. De qualquer maneira, não se pode dizer que a criação da rede social aproximou professores e alunos, nem tampouco que auxiliou no processo ensino-aprendizagem. Os educadores utilizaram uma tecnologia de informação, porém, não trouxe benefícios e mudanças para o aprendizado dos alunos, diferentemente do que propõem Lévy (1999) e Souza (2003).

Outro ponto que se pode verificar é o fato de poucas postagens usarem a linguagem formal. Em outras palavras, percebemos que os alunos agem como se estivessem em sala de aula ou sendo avaliadores, e não como em suas redes sociais do cotidiano.

Ao que se pode perceber, em sua maioria, os *blogs* educativos analisados têm servido apenas para divulgação das atividades escolares e inserção do nome da escola no ambiente virtual. No que diz respeito ao seu uso como suporte de ensino, seus recursos têm sido pouco aproveitados. O propósito de aproximação professor-aluno também não apresenta grandes resultados, uma vez que as postagens são unilaterais, sendo feitas apenas pelos professores ou responsáveis pela manutenção dos *blogs*. Assim, os alunos não o utilizam para se comunicar ou trocar experiências e informações.

Percebemos que, independente de a escola ser pública ou particular, não há muita interação entre os alunos e/ou alunos e professores por meio dos *blogs*. Logo, podemos afirmar que a condição socioeconômica dos alunos não afeta diretamente a sua participação nos *blogs*, ou seja, a dificuldade de acesso à internet não diminui a participação dos alunos. Dessa forma, fica claro que o perfil dos quatro *blogs* educativos analisados não interessa aos alunos pela seguinte razão: eles se sentem vigiados ou coagidos por ser um *blog* “da escola” e não um ambiente “livre”, como o *Facebook* ou o *Youtube*.

Algumas considerações...

Verificamos que, apesar das inúmeras possibilidades proporcionadas pelo uso dos *blogs* como recurso didático, tais como: construção e leitura de textos diversos; aquisição de conhecimento das diferenças entre os gêneros textuais e seus objetivos comunicativos; valorização da variedade linguística dos alunos como seres individuais; e melhoria na interação professor-aluno e, principalmente, do processo ensino-aprendizagem, nos quatro *blogs* analisados, o uso deste recurso não tem sido tão produtivo. A priori porque, aparentemente, eles têm funcionado como um objeto de divulgação e não como um ambiente de interação. Assim como as apostilas e os livros didáticos, a internet e todas as outras formas de tecnologias disponíveis para os alunos devem ser encaradas como ferramenta de apoio para o ensino. Por isso, as opções tecnológicas não devem ser consideradas como substitutas de outras práticas de ensino, mas sim como suporte pedagógico.

Outro ponto que foi observado é que os *blogs* possuem um perfil muito institucional, ou seja, os alunos e professores o veem como um objeto de trabalho escolar. Os *blogs*, apesar de criados pelos alunos, têm um caráter de atividade escolar, logo, não há liberdade de expressão e, na sua maioria, também não há manifestações pessoais dos professores. Ou seja, os próprios educadores encaram este ambiente como espaço de trabalho, descaracterizando completamente seu propósito comunicativo.

Os *blogs* deveriam ser um espaço de interação, um ambiente de reflexão e troca de opiniões sobre determinadas pautas. Os assuntos discutidos nos *blogs* têm que ser do interesse de todos, alunos e professores, caso contrário, a interação não ocorrerá e o *blog* estará fadado ao insucesso, pois se tornará um instrumento institucional, de postagens de conteúdo unicamente escolar e linguagem formal. Ao estar conectado às

novas tecnológicas e a uma nova maneira de se comunicar com os alunos, o educador está em constante aprimoramento profissional e atualização de conhecimentos. Logo, torna-se mais conectado com os acontecimentos no mundo.

Cada gênero textual, ao ser veiculado em outro lugar fora daquele ambiente em que normalmente circula, pode sofrer transformações, passando de gênero de comunicação a gênero de aprendizagem. Assim, ao trabalhar com os gêneros na escola, deve-se ter o cuidado de fazer com que o aluno perceba que pode utilizá-los no seu meio social e que ele faz parte, ou pode fazer parte, das suas atividades sociais.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, DF: SEB/MEC, 1998.

DALEY, E. Expandindo o conceito de letramento. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 481-491, jul./dez. 2010.

KOCH, I. G. V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. In: Romanowski, J. P. et al. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação**. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 245-254.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.19, p. 12-24, 2000.

SOUZA, C. H. de. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Campos dos Goytacazes, RJ. Editora FAFIC, 2003.

SIGNORINI, I. Letramento escolar e formação do professor de Língua Portuguesa. In: Kleiman, A. B.; Cavalcanti, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Mercado de Letras: Campinas, v. 1, p. 317-338, 2007.

Sites consultados:

Blog do Colégio Estrutural. Disponível em:
<<http://colegioestrutural.com/profiles/blog/list>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Blog da Escola Doutor Agostinho Monteiro. Disponível em:
<<http://agostinhomonteiro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Blog da Escola Professor Ávila Júnior. Disponível em:
<<http://escolaavilajunior.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

Blog da Escola Municipal Professor Mariano Costa. Disponível em:
<<http://caicmariano.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Blog do professor Gustavo – Geografia dentro e fora da escola. Disponível em:
<<http://www.gustavokasten.com/news/site-de-geografia/>>. Acesso em: 29 jun. 2011.